



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



TESTE À VALIDADE DO QUESTIONÁRIO DE COESÃO DE GRUPO EM ATLETAS DE FUTEBOL

Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em
Treino de Alto Rendimento

Orientador: Professor Doutor António Fernando Boletto Rosado

Júri:

Presidente

Professor Doutor António Fernando Boletto Rosado

Vogais

Professor Doutor Victor Manuel dos Santos Silva Ferreira

Professora Doutora Ana Sofia Pedrosa Gomes dos Santos

Dário Alexandre Gomes Neto

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para o desenvolvimento e para consecução deste trabalho. Nestes cinco anos conheci e convivi com diversas pessoas que acrescentaram muito na minha formação pessoal e profissional.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. António Rosado, a disponibilidade e rigor na orientação do presente trabalho.

Agradeço às instituições e aos atletas do Sporting Clube de Portugal, Atlético Clube do Cacém e a Sociedade União 1º Dezembro pela colaboração prestada neste estudo.

À minha família, cujo apoio foi fundamental para vencer este desafio. Todos me ensinaram que o conhecimento e crescimento são importantes, mas só valem quando acompanhados de valores como honestidade, dignidade, respeito, coragem e determinação constante.

Finalmente à minha querida Paulinha, pela paciência demonstrada e pelo constante apoio e incentivo que me permitiu concluir este trabalho.

RESUMO

O propósito deste estudo foi duplo: (1) determinar se a aplicação do Group Environment Questionnaire (GEQ), que na versão portuguesa tem a denominação de Questionário de Ambiente de Grupo (QAG), é uma medida válida para estimar a coesão de grupo, procurando-se, através da análise factorial confirmatória (AFC), verificar as qualidades psicométricas da versão portuguesa da escala no contexto do futebol português; (2) estudar a variabilidade da coesão em função de algumas variáveis influenciadoras como o género, a idade, os anos de prática e o nível de escolaridade dos praticantes de futebol. Participaram 186 atletas federados praticantes de futebol 11 do sexo masculino (N=173) e feminino (N=13) com idades compreendidas entre os 11 e os 35 anos (M=15.21, DP=3.09).

No que diz respeito aos valores de ajustamento global do modelo resultantes da AFC, a solução final, com 12 itens, apresentou um ajustamento adequado: $\chi^2_{(50)} = 99.3$; $p < .000$; $\chi^2/df = 1.9$; CFI= .9, GFI= .9, PCFI= .7, PGFI= .6, RMSEA= .07. Os resultados da fiabilidade da solução final do QAG, constituído por 12 itens, revelou valores de consistência interna entre $\alpha = 0.74$ para a dimensão Integração no Grupo em relação aos aspectos Sociais e $\alpha = .83$. No entanto, a análise de alguns índices de ajustamento local não foram satisfatórios. Por outro lado, as variáveis individuais estudadas influenciam a coesão dos grupos.

PALAVRAS-CHAVE

Análise Factorial Confirmatória, Coesão, Futebol, Group Environment Questionnaire, Questionário de Ambiente de Grupo, Validação.

ABSTRACT

The purpose of this study was twofold: (1) determine whether the application of the Group Environment Questionnaire (GEQ), which in the Portuguese version has the name of Questionário de Ambiente de Grupo (QAG) is a valid measure for estimating group cohesion, seeking, through confirmatory factor analysis (CFA), ensure the psychometric qualities of the Portuguese version of the scale in the context of Portuguese football; (2) study the variability of cohesion suitable to some influential variables such as gender, age, years of practice and level of education of the football players. In this study participated 186 athletes males (N = 173) and females (N = 13), federated in football, with aged between 11 and 35 years (M = 15.21, SD = 3.09).

With regard to the values of the model's overall adjustment resulting from the AFC, the final solution, with 12 items, presented an appropriate adjustment: $\chi^2_{(50)}=99.3$; $p < .000$; $\chi^2/df = 1.9$; CFI= .9, GFI= .9, PCFI= .7, PGFI= .6, RMSEA= .07. The results of the reliability of the final solution of the QAG, consisting of 12 items showed internal consistency of $\alpha = 0.74$ for the scale Integration Group in relation to social and $\alpha = .83$. However, the analyses of some local indices of fit were not satisfactory. On the other hand, the individual variables studied influence group cohesion.

KEYWORDS

Confirmatory Factor Analysis, Cohesion, Football, Group Environment Questionnaire, Questionario de Ambiente de Grupo, Validation.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO	iii
PALAVRAS-CHAVE	iii
ABSTRACT	iv
KEYWORDS	iv
ÍNDICE	v
ÍNDICE DE TABELAS	vi
LISTA DE SIGLAS	vii
INTRODUÇÃO.....	1
MÉTODO.....	10
Participantes	10
Instrumento.....	10
Procedimento de recolha de dados.....	12
Procedimentos estatísticos.....	12
RESULTADOS	13
Estudo 1: Validade da escala de coesão	13
Estudo 2: Comparações entre variáveis individuais género, nível etário, nível de ensino e anos de prática da modalidade com a coesão	18
DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	21
Questionário do Ambiente no Grupo Original (aplicado)	26
Questionário do Ambiente no Grupo Adaptado (derivado dos resultados obtidos).....	28
REFERÊNCIAS	29

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - <i>Dimensões e itens do QAG</i>	11
<i>Figura 1</i> - Modelo de medida para o QAG	16
Tabela 2 - <i>Análise factorial do QAG</i>	17
Tabela 3 - <i>Resultados da validade discriminante para as quatro dimensões</i>	18
Tabela 4 - <i>Análise descritiva das dimensões do QAG e da coesão</i>	19

LISTA DE SIGLAS

AFC – Análise Factorial Confirmatória

AIG-S - Atracção Individual para o Grupo em relação aos aspectos Sociais

AIG-T - Atracção Individual para o Grupo em relação à Tarefa

GEQ - Group Environment Questionnaire

IG-S - Integração no Grupo em relação aos aspectos Sociais

IG-T - Integração no Grupo em relação à Tarefa

QAG - Questionário de Ambiente de Grupo

INTRODUÇÃO

Em psicologia do desporto, um dos modelos mais aceite, conhecido, explorado e referenciado provém de estudos ocorridos durante os anos 80 por Albert Carron. Carron pretendeu encontrar uma determinação de coesão que completasse os contributos originais de Festinger et al. (1950) e de Gross e Martin (1951). Embora, os primeiros autores tenham definido o conceito como sendo a consequência das forças que fazem com que as pessoas permaneçam unidas, Carron destacou a resistência demonstrada pelo grupo face às pressões/stresses negativos que lhe são exercidos.

O termo coesão provém da palavra latina “cohaesus”, que se traduz em aderir ou manter-se unido (Carron, 1982). Além disso, Carron et al. (1998), definem coesão como um sistema onde interagem os vários elementos do grupo, fazendo com que este fique unido para alcançar as suas metas e/ou para satisfazerem necessidades. Para Cox et al. (1993), o comportamento de um grupo ou de uma equipa não tem propriamente uma ligação directa com os comportamentos individuais dos elementos que formam o grupo. Quando as equipas agem como um todo no sentido de atingirem de um determinado objectivo, a obtenção do mesmo, é muitas vezes facilitada.

No ramo da física e da química, coesão reporta-se às forças que se vinculam às moléculas de uma determinada substância. Em psicologia e, de uma forma em geral, nas ciências sociais, utiliza-se uma metáfora semelhante pois o termo coesão descreve o processo de manter os membros de pequenos grupos ou de identidades sociais mais abrangentes, unidos em graus distintos (Borrego et al. 2010).

O interesse neste tema não é somente uma questão académica, pois esta é uma das áreas que todos identificam a sua importância, sendo muito frequente observarmos comentários vindos de treinadores e atletas, relativos ao peso decisivo que a ajuda e o apoio entre todos desempenham num determinado resultado desportivo positivo. Aliás, a carência de coesão também tem sido referida como um dos aspectos para justificar os maus rendimentos competitivos, distinguindo-se a falta de envolvimento dos atletas nos propósitos traçados e os problemas interpessoais como causas para uma má época desportiva (Gomes, 2005).

Rioux e Chappuis (1979) referiram que a coesão não ocorre espontaneamente mas sim através de um esforço da equipa. Weinberg e Gould (1996) destacam que das inúmeras definições de coesão de grupo propostas, entre 1950 e 1970, existia sempre um aspecto comum em todas, a determinação das duas dimensões básicas que as constituem: a coesão da tarefa e a coesão social.

Kurt Lewin, em 1935, foi um dos primeiros autores a utilizar o termo e incorporou o conceito de interdependência. A definição de coesão foi consolidada mais tarde por Festinger et al. (1950), sendo uma das primeiras e das mais significativas definições, pelo que as investigações no ramo desportivo têm se baseado frequentemente nela.

De acordo com Carron e Hausenblas (1998) um grupo desportivo caracteriza-se por: 1) possuir uma identidade colectiva (com elementos que os unifiquem e os tornam diferentes dos outros); 2) estabelecerem objectivos e metas comuns; 3) enfrentarem um destino comum (isto é, um processo partilhado em que quanto maior for o número de experiências colectivas vividas, maior será a interdependência do grupo); 4) exibirem padrões estruturados de interacção (um determinado líder, um estilo de comunicação, etc...); 5) interdependência pessoal e na tarefa (motivando as interacções pessoais); 6) atracção interpessoal recíproca (relações de amizade, semelhanças em atitudes e valores, e avaliações positivas); e 7) quando se consideram a eles próprios um grupo (Borrego et al., 2010).

Existem inúmeras e diversas abordagens que avaliaram a coesão em grupos sociais e de trabalho, como a Abordagem de Comprometimento com o Grupo (Seashore, 1954), a Abordagem da Atracção Individual para o Grupo (Indik, 1965) e a Abordagem da Atracção Interpessoal (Deep et al., 1967).

Embora existam algumas variáveis que podem condicionar os níveis de coesão de uma equipa desportiva, como os factores ambientais, pessoais, da equipa e de liderança (Carron e Chelladurai, 1981; Carron, 1993; Weinberg e Gould, 2001), é essencial destacar que todos estes factores actuam conjuntamente e se inter-relacionam entre si (Carron et al., 2002; Eys et al., 2003).

Quanto aos factores ambientais, estes estão relacionados com as várias condições e situações do contexto desportivo, como responsabilidades contratuais, normas e regras do desporto em si, restrições geográficas e o nível das competições

(Widmeyer et al., 1990). Os factores pessoais relacionam-se com as particularidades dos membros do grupo, como a semelhança demográfica, isto é, características de toda uma sociedade ou um grupo específico, definido por critérios como a educação, a nacionalidade, religião e pertença étnica, responsabilidades, ansiedade, satisfação individual, depressão, assim como comportamentos de sacrifício e ligação dos indivíduos com o grupo (Hausenblas e Carron, 1996; Eys et al., 2003). Um outro factor envolve as características de uma equipa em particular, como o estatuto da equipa, a eficiência e as normas do grupo (Beauchamp et al., 2002). Por último e um dos agentes mais preponderantes que influencia a coesão de um grupo, temos a qualidade da liderança do treinador, estando relacionada com desenvolvimento de estratégias, nível de treino, suporte social, feedback positivo e estilo de decisão (Carron e Chelladurai, 1981).

Numa tentativa de conciliar a literatura, vários autores (e.g. Carron e Chelladurai, 1981) propuseram que o tipo de tarefa poderá servir como uma variável moderadora na relação coesão-desempenho. A lógica subjacente era a de que a coesão seria um catalisador para uma maior coordenação em desportos onde as interacções na tarefa são essenciais para o sucesso do grupo, enquanto que a sua ausência poderia servir para aumentar a concorrência interpessoal em desportos onde as interacções na tarefa não são necessárias.

Martens e Peterson (1971) referidos por Hanrahan e Gallois (1993) afirmam que as conclusões importantes para a relação entre a atracção interpessoal e a performance são contraditórias. Também Carron (1980) concluiu que os resultados dos estudos que examinaram o efeito da coesão sobre o desempenho não têm sido sólidos.

Mullen e Copper (1994) realizaram uma meta-análise sobre as relações entre coesão e performance, em 49 estudos de várias subdisciplinas da psicologia, concluindo que a relação coesão-performance é globalmente positiva (embora pequena). Com base nestes resultados, Mullen e Copper (1994) sugerem que, em trabalhos futuros, poderia ser mais adequado começar a referir-se a este efeito como pequeno mas significativo.

Outras conclusões importantes resultantes da meta-análise de Mullen e Copper (1994) são: 1) a exigência de interacção na tarefa (isto é, desportos colectivos vs desportos individuais) não serve como uma variável moderadora, 2) os efeitos mais fortes de coesão-performance, estão mais presentes em grupos reais do que em grupos

artificiais; 3) entre os grupos reais, as equipas desportivas mostram maiores efeitos de coesão sobre a performance; 4) a relação da performance com a coesão é mais forte do que a de coesão para a performance; e 5) a relação coesão-performance está presente quando a coesão é operacionalmente definida como compromisso com a tarefa mas não quando é definida quer como atracção interpessoal (ou seja, idêntico à coesão social) ou orgulho no grupo.

No que se refere à avaliação deste construto, Hogg (1992) observou que, historicamente, têm sido utilizadas cinco estratégias principais para avaliar a coesão em grupos: medidas comportamentais, relatórios dos membros do grupo sobre atracção interpessoal, proximidade do grupo como um todo, desejo para permanecer no grupo e sentimento de pertença ao grupo.

O método original de avaliação do nível de coesão utilizado foi o *Sport Cohesiveness Questionnaire*, conhecido como Questionário de Coesão no Desporto, desenvolvido por Martens et al., (1972). O instrumento possui sete indicadores que medem a atracção interpessoal ou classificam a atracção pelo grupo. Para este instrumento não foram aplicadas as medidas de confiabilidade ou validade de construção (Weinberg e Gould, 2001).

Um novo instrumento de avaliação, o *Group Environment Questionnaire* – GEQ, traduzido como Questionário de Ambiente Grupo - QAG, foi desenvolvido por Carron et al. (1985). Estes autores alargaram os conceitos já existentes que diferenciam o indivíduo, o grupo e os interesses relacionados às áreas sociais e das tarefas. Assim, o GEQ é baseado num modelo conceptual de coesão em que os membros do grupo são direccionados para dois grandes e predominantes conjuntos que confrontam as relações sociais com a coesão de grupo (Carron et al., 2002). Um grupo está relacionado com a execução das tarefas, espelhando os esforços colectivos para alcançar as metas comuns (noção que o indivíduo tem sobre a proximidade, similaridade e união dentro do grupo como um todo). O segundo representa o lado social e refere-se aos aspectos de relacionamentos e afinidades entre os praticantes (percepção que o indivíduo possui sobre a importância da manutenção e do desenvolvimento de um bom relacionamento entre todos). O modelo tem um suporte conceptual multidimensional, tendo sido testado e estabelecida a fiabilidade e validade de construção do instrumento. O modelo de coesão desenvolvido por Carron et al., (2002), além de separar as dimensões sociais e

tarefa, tem como pressupostos os aspectos individuais e grupais da coesão (Lewinski, 2011):

- a) integração no grupo em relação aos aspectos sociais;
- b) integração no grupo em relação à tarefa;
- c) atracção individual para o grupo em relação aos aspectos sociais;
- d) atracção individual para o grupo em relação à tarefa.

Cota et al., (1995) confirmaram que a estrutura conceptual é prometedora evocando duas razões essenciais: 1) a importância das duas categorias da coesão, pois são muito relevantes para a sua compreensão em grupos diferentes, tendo sido identificadas por diversos estudos independentes; 2) o elevado número de testes feitos às duas subescalas e as suas implicações. Identicamente outros autores sugerem a relevância da escala do GEQ como instrumento de eleição entre os psicólogos do desporto para acederem ao conceito multidimensional de coesão no contexto desportivo e do exercício (Blanchard et al., 2000).

Mudrack (1989), citado por Widmeyer et al., (1993), concluiu, com base na sua análise, que a investigação sobre a coesão tem sido dominada pela confusão, inconsistência e descuido no que diz respeito à definição do construto. Na realidade, uma variedade de abordagens têm sido tomadas para conceptualizar e avaliar a coesão. Estas incluíam, por exemplo, a consideração de coesão como atracção interpessoal (Schachter, 1951), a resistência à separação do grupo (Gross e Martin, 1951), o desejo dos membros para permanecerem no grupo (Schachter, 1951), a semelhança de opiniões e de status (Adams, 1953), o sentimento de pertença (Indik, 1965) e o valor que os membros colocam à pertença do grupo (Arnold e Straub, 1973).

As qualidades métricas do GEQ têm sido avaliadas na literatura (Duda, 1998; Sullivan et al., 2002), embora, segundo Carron et al., (1998) apenas três trabalhos publicados até 1998, tenham realizado a análise factorial confirmatória da validade do GEQ (Carron et al., 1985; Schutz et al., 1994; Li e Harmer, 1996).

Na esmagadora maioria dos estudos, o GEQ demonstrou possuir validade de conteúdo, validade concorrente, validade preditiva, validade de construto e fiabilidade (Carron et al., 1998). No entanto, as pesquisas sobre a validade factorial do GEQ obtiveram diversos resultados.

A estrutura factorial do GEQ foi estudada por Schutz et al. (1994), utilizando 752 atletas do contexto escolar de ambos os sexos, divididos em 64 equipas de vários desportos tanto individuais como colectivos. Os resultados da análise factorial confirmatória concluíram que o modelo de quatro factores proposto por Carron e Spink (1995) poderia estar em questão. Isto porque, nenhuma das subescalas obtivera coeficientes de consistência interna significativos (alfa de Cronbach) superior a .70. A análise realizada por género e tipo de desporto (colectivo ou individual) demonstrou, ainda, diferentes estruturas factoriais, não havendo adequação ao modelo proposto por Carron e Spink (1995), embora este seja o primeiro estudo que explora esta possibilidade.

Noutra publicação, Sullivan et al. (2002) verificaram que não foi encontrado suporte para o modelo de quatro factores proposto por Carron et al. (1985). Estes autores referem que o tipo de modalidade (individuais versus interactivas/colectivas) poderá afectar de forma desigual o modelo de quatro factores.

Numa análise factorial confirmatória com 321 jogadores universitários do sexo masculino e feminino de basebol e softbol relatados por Li e Harmer (1996) concluiu-se que, de acordo com a proposta de Carron e Spink (1995), um modelo com quatro factores de primeira ordem, proporcionava uma melhor medida. Por outro lado, após a adaptação do GEQ, testado em 315 músicos de 84 bandas, Dyce e Cornell (1996) concluíram que os resultados apoiavam as distinções de tarefas sociais proposta por Milkalacki (1969) mas não distinguia a integração do grupo - atracções individuais para o grupo proposta por Van Bergen e Koekebakker (1959).

Leeson e Fletcher (2005) realizaram um estudo com uma amostra constituída por 219 atletas femininas de elite da Nova Zelândia, da modalidade de netball, com idades compreendidas entre 14 e 47 anos, confirmando que não podiam aceitar o modelo de quatro factores proposto por Carron et al. (1985) devido aos valores elevados de correlação entre dimensões. Os autores salientam ainda, que a idade da amostra não se encontrava no intervalo de idades em que o questionário foi originalmente desenvolvido e que o estudo não foi realizado na América do Norte, sublinhando que os factores culturais podem ser um agente que afecte os resultados.

Dion (2000) conclui que a validade factorial do GEQ e a adequação de seu modelo teórico subjacente necessita de mais pesquisas com resultados consistentes, bem

como estudos complementares, para definir o tipo de grupo e outras condições de contorno para o GEQ como medida de coesão para desportos e outros grupos. Dion (2000) também sugere que seja determinado se o modelo conceptual de coesão de Carron et al., (1985) é válido para outras culturas.

Carron e Brawley (2000) numa segunda perspectiva acerca do GEQ afirmaram que o questionário, na sua forma original, pode conter itens que não são apropriados em expressões ou contextos para todos os tipos de grupos. Especificamente, os itens que se referem ao estilo de jogo e tempo de jogo podem ser mais válidos para companheiros de equipa que interagem para produzir um resultado comum, por exemplo, hóquei e basquetebol, do que para os atletas cujo resultado da equipa seja simplesmente a soma dos produtos individuais, por exemplo, atletismo e wresling. Pelas razões enunciadas, os autores encorajam uma análise factorial confirmatória que siga um dos dois procedimentos, seja utilizando várias avaliações de diversas equipas durante um período prolongado de tempo ou de um leque vasto de amostras, de membros de grupos com qualidades heterogéneas (Carron et al., 1998). Ambos os métodos são projectados para evitar a avaliação de uma amostra homogénea de equipas.

Portugal carece de pesquisas realizadas neste âmbito pois os relatos mais antigos remontam ao Questionário de Coesão em Equipas Desportivas (QCED), um modelo de questionário idêntico ao QAG (Questionário de Ambiente de Grupo). A versão utilizada nesse estudo foi traduzida e adaptada para os atletas portugueses por Cruz e Viana (1993) e Cruz e Antunes (1997) a partir do questionário desenvolvido originalmente por Carron e Spink (1995). O QCED é constituído por 18 itens distribuídos por quatro dimensões, sendo as afirmações respondidas numa escala tipo “Likert” de nove pontos (1 = Discordo totalmente; 9 Concordo totalmente). Até ao momento para analisar as qualidades psicométricas do GEQ, versão portuguesa - Questionário de Ambiente de Grupo, QAG traduzido e adaptado para a população Portuguesa por Mendes, 1993, foram desenvolvidos estudos por Leitão (1999) e Borrego et al., (2010).

Na pesquisa de Leitão (1999) participaram atletas profissionais do sexo masculino com idades entre os 17 e os 35 anos, praticantes federados da modalidade de futebol de onze. A análise da estrutura factorial representativa dos dados obtidos resultou na eliminação de sete itens, sendo a variância explicada pelos factores igual a 49,6%, e os valores de coeficiente de consistência interna, alfa de Cronbach, superiores

a .71. Apesar dos dados relativos às medidas de ajustamento reflectirem a adequação do modelo de quatro factores aos dados, os resultados da análise confirmatória do modelo de quatro factores, apontavam para que os indicadores não representassem os factores de uma forma adequada, sugerindo que a validade foi apenas verificada parcialmente (Borrego et al., 2010).

No trabalho desenvolvido por Borrego et al., (2010) com atletas federados de diferentes modalidades com idades compreendidas entre os 14 e 21 anos, os resultados do estudo da fiabilidade do Questionário de Ambiente de Grupo, constituído por 13 itens, revelaram valores adequados de consistência interna. De uma forma geral, os valores dos indicadores globais de ajustamento do modelo inspeccionado para o QAG resultantes da análise factorial confirmatória expressam a sua qualidade. Logo pode-se concluir que a avaliação da coesão de grupo em desportos de equipas nacionais, através do questionário, se revela ajustada.

Eys et al. (2007) fizeram uma revisão do *Group Environment Questionnaire*, transformando todos os itens em afirmações positivas, chegando a uma conclusão fundamental: o questionário com todos os itens positivos obteve uma consistência interna mais forte. Este resultado sugere a utilização do questionário revisto para a realização de futuras pesquisas, uma vez que possui melhor consistência interna em relação ao questionário original (Júnior, 2011).

Analisando as investigações apresentadas, é possível verificar que vários estudos têm sido feitos para o modelo de quatro factores proposto por Carron e Spink (1995), revelando alguma inconstância dos resultados que o suportam, o que justifica este estudo.

Indo de encontro aos resultados das pesquisas efectivadas com a versão em língua inglesa (excepção dos estudos realizados depois de 2000), Carron et al. (1998) e Carron e Brawley (2000) argumentam que os investigadores devem respeitar o carácter multidimensional e dinâmico do conceito da coesão, sugerindo que as futuras análises factoriais confirmatórias devem seguir os seguintes procedimentos: a) utilizar múltiplas administrações do instrumento em múltiplas equipas ou, b) uma amostra abrangente de grupos, com uma composição heterogenia de afiliação aos mesmos.

Tendendo a segunda perspectiva proposta por Carron e Brawley (2000) obtido resultados inconclusivos na validade do GEQ e também motivados pela deficiência

presente na literatura portuguesa no âmbito da psicologia do desporto e do exercício, na utilização da Análise Factorial Confirmatória, ambicionamos com este estudo verificar, em primeiro lugar, a validade do GEQ, na versão portuguesa denominada QAG com todos os itens em afirmações positivas de acordo com a proposta de Eys et al. (2007), como medida para avaliar a coesão em equipas desportivas portuguesas especificamente no futebol de onze.

Um segundo objectivo do estudo envolve o estudo da variabilidade da coesão em função de algumas variáveis individuais. Neste sentido, utilizaram-se dados de um conjunto de atletas de futebol, com diferentes características individuais, tais como género, nível etário (idade nos escalões de formação <18 anos e seniores entre 18 e 40 anos), nível de ensino (básico ou secundário), anos de prática (até 10 anos de prática e acima de 10 anos de prática).

MÉTODO

Participantes

Foram inquiridos 186 atletas federados praticantes de futebol 11 do sexo masculino (N=173) e feminino (N=13) com idades compreendidas entre os 11 e os 35 anos (M=15.21, DP=3.09).

Instrumento

A percepção de coesão de grupo foi avaliada através de uma adaptação do *Group Environment Questionnaire*, inicialmente desenvolvido por Carron et al., (1985), que, na tradução portuguesa, tem a denominação de Questionário de Ambiente de Grupo – QAG. O questionário é constituído por 18 itens numa escala tipo “Likert” de nove pontos (1 = Discordo totalmente; 9 Concordo totalmente), sendo dividido em duas grandes categorias:

- a percepção que o membro tem do grupo como um todo;
- as atracções individuais do indivíduo em relação ao grupo.

A primeira categoria é denominada por Integração do Grupo (IG) e a segunda Atracção Individual em relação ao Grupo (AIG).

Conforme já descrito anteriormente, as IG representam a proximidade, semelhança e ligação dentro do grupo como um todo. As AIG representam a interacção dos vários motivos que levam o indivíduo a permanecer no grupo. Estas duas categorias quando relacionadas com as tarefas de grupo e com os aspectos sociais do mesmo, originaram um questionário com quatro dimensões:

1) Atracção Individual para o Grupo em relação aos aspectos Sociais (AIG-S): Traduzem os sentimentos dos membros da equipa sobre a atracção que sentem para o grupo quando este é visto como uma unidade social com as respectivas interacções sociais.

2) Atracção Individual para o Grupo em relação à Tarefa (AIG-T): Reflectem os sentimentos dos atletas do grupo em relação à produtividade do mesmo e aos objectivos e pretensões do grupo;

3) Integração no Grupo em relação aos aspectos Sociais: (IG-S): Transmite a percepção individual do membro da equipa sobre aspectos sociais existentes no grupo, que podem originar semelhança ou aproximação;

4) Integração no Grupo em relação à Tarefa (IG-T): Reflecte a percepção individual que cada membro tem em relação ao grupo como um todo, tendo em conta tarefas que implicam semelhança e/ou aproximação.

Foi utilizado o procedimento aconselhado por de Eys et al., (2007) que efectuou uma revisão do *Group Environment Questionnaire*, transformando todos os itens em afirmações positivas, chegando à conclusão que o questionário com todos os itens positivos teve uma consistência interna mais forte.

Estas quatro dimensões são constituídas por 4 ou 5 itens cada, perfazendo um total de 18 itens. De seguida são apresentados os itens correspondentes a cada dimensão. O número dos itens corresponde ao número que lhes é atribuído no questionário.

Tabela 1 - *Dimensões e itens do QAG*

Dimensões	Itens
Atracção Individual para o Grupo em relação aos aspectos Sociais	1, 3, 5, 7, 9
Atracção Individual para o Grupo em relação à Tarefa	2, 4, 6, 8
Integração no Grupo em relação aos aspectos Sociais	11, 13, 15, 17
Integração do Grupo em relação à Tarefa	10, 12, 14, 16, 18

A aplicação do QAG é precedida de instruções que dão indicações ao atleta, de como responder correctamente ao questionário. Neste grupo de instruções, os autores pretendem que os atletas retenham as seguintes informações:

- as questões pretendem avaliar os sentimentos ou opiniões dos atletas em relação ao envolvimento pessoal com a equipa;
- as questões pretendem avaliar de que forma vêem a equipa como um todo;
- o modo de responder a cada afirmação.

Após as normas da primeira página, surgem os elementos identificativos do questionário.

Salienta-se que em nenhuma parte do questionário é feita qualquer referência ao termo “coesão”, o que, segundo os autores serve para reforçar a honestidade e sinceridade das respostas dos atletas, uma vez que estes ao lerem as afirmações não ficam “ligados” ao processo do grupo que está a ser medido.

Procedimento de recolha de dados

A recolha dos dados foi realizada em três clubes do distrito de Lisboa: o Sporting Clube de Portugal (escalões de formação), Atlético Clube do Cacém e a Sociedade União 1º Dezembro. Os questionários foram entregues aos atletas numa data previamente acordada com o treinador responsável pela equipa, foi enviado o termo de consentimento livre, e esclarecido aos atletas das equipas que aceitaram participar na pesquisa, sendo garantida a confidencialidade dos dados. O preenchimento dos questionários pelos atletas foi realizado em suporte de papel, em horário de treino e em campo, supervisionados somente pelo autor deste estudo.

Procedimentos estatísticos

Depois de obtidas as respostas dos atletas, efectuou-se a codificação e a transcrição dos dados para o programa estatístico SPSS, versão 18, onde foi realizado o tratamento e a análise dos dados e pelo programa Amos. A validade da escala, no estudo 1, foi avaliada com recurso à análise factorial confirmatória (AFC), utilizando-se para o efeito o programa AMOS 18.0 (SPSS Inc, Chicago, IL), tendo-se utilizado o método da Máxima Verosimilhança (ML). O estudo 1 descreve, em maior detalhe, os procedimentos utilizados.

Para o estudo 2, na comparação entre grupos, utilizou-se a Anova, tendo-se verificado, os pressupostos de normalidade e homogeneidade das variáveis pelo teste de Levene ou a Anova Robusta (teste de Welch), no caso da homogeneidade das variâncias não se verificar.

RESULTADOS

Estudo 1: Validade da escala de coesão

A escala propostas para medir a consistência interna do QAG, foi avaliada com recurso à análise factorial confirmatória (AFC), utilizando-se para o efeito o programa AMOS 18.0 (SPSS Inc, Chicago, IL).

Utilizou-se o método da Máxima Verosimilhança (ML), o mais utilizado em análise de equações estruturais, tendo-se verificado os seus pressupostos de independência das observações e a inexistência de outliers (Marôco 2010). As medidas de forma da distribuição (assimetria e curtose) foram usadas para verificar a normalidade univariada da distribuição. A normalidade dos dados foi assim garantida. De acordo com diversos autores, através do recurso às análises factoriais confirmatórias é possível obter índices de ajustamento permitindo ao investigador decidir acerca da aceitação ou rejeição do modelo testado. Todavia, a validade de um modelo não é apenas garantida quando o mesmo revela um bom ajustamento em referência aos dados recolhidos, porquanto a sua legitimação decorre da sustentabilidade que evidencia em aspectos de natureza teórica e empírica, evidenciando, apenas, deste modo ser um modelo válido. No presente estudo, os procedimentos utilizados basearam-se nas recomendações de Churchill (1979) para estudar a validade (medindo-se a validade convergente e discriminante) e a fidelidade da escala através do estudo da consistência interna (fidelidade individual dos itens e fidelidade compósita). Após uma revisão minuciosa da literatura, várias etapas foram implementadas para atingir o objectivo da investigação.

Para a escolha dos índices de ajustamento foram considerados os mais comumente aplicados e referenciados na literatura (Marôco, 2010). O Teste do Qui-Quadrado (χ^2), avalia se existem discrepâncias entre a matriz de co-variâncias dos dados e a matriz de co-variância do modelo. Valores de p não significativos ($p > .05$) indicam bom ajustamento. Um bom ajustamento do modelo é obtido quando: (1) o valor do teste de Qui-Quadrado relativo (χ^2/gl) é inferior a 2 or 3 (Kline, 1998); (2) os valores do Comparative Fit Index (CFI) e do Goodness of Fit Index (GFI) são maiores do que .90; os valores do Parsimony Comparative Fit Index (PCFI) e do Parsimony Goodness Fit

Index (PGFI) são maiores do que .60 (Hair et al., 2005 e Marôco, 2010). Utilizou-se, também, o Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA), sendo que valores inferiores a 0.06 são indicativos de um bom ajustamento, enquanto um ajustamento aceitável é indicado para um valor entre .08 e .10 (Marôco, 2010).

A consistência interna indica o grau de fiabilidade existente entre os itens em cada uma das dimensões considerados no instrumento (Almeida e Freire, 2003). O índice de Cronbach tem vindo a ser questionado em virtude de se mostrar conservador especialmente para os casos em que os itens da escala são heterogéneos, dicotómicos ou definem estruturas multifactoriais. Nestes casos, o alfa de Cronbach fornece uma subestimativa da verdadeira fiabilidade da medida, apresentando enviesamentos para estimativas inferiores à verdadeira fiabilidade (Marôco e Garcia-Marques, 2006). A validade compósita constitui um procedimento mais actual o qual tende a resolver as limitações do índice de Cronbach (Marôco, 2010). A consistência interna foi avaliada no presente estudo através da fidelidade individual dos itens (considerando fiabilidade individual adequada quando o valor do peso factorial é superior a .50) e da fidelidade compósita sendo que valores acima de 0.70 indicam boa consistência interna (Hair et al., 2005).

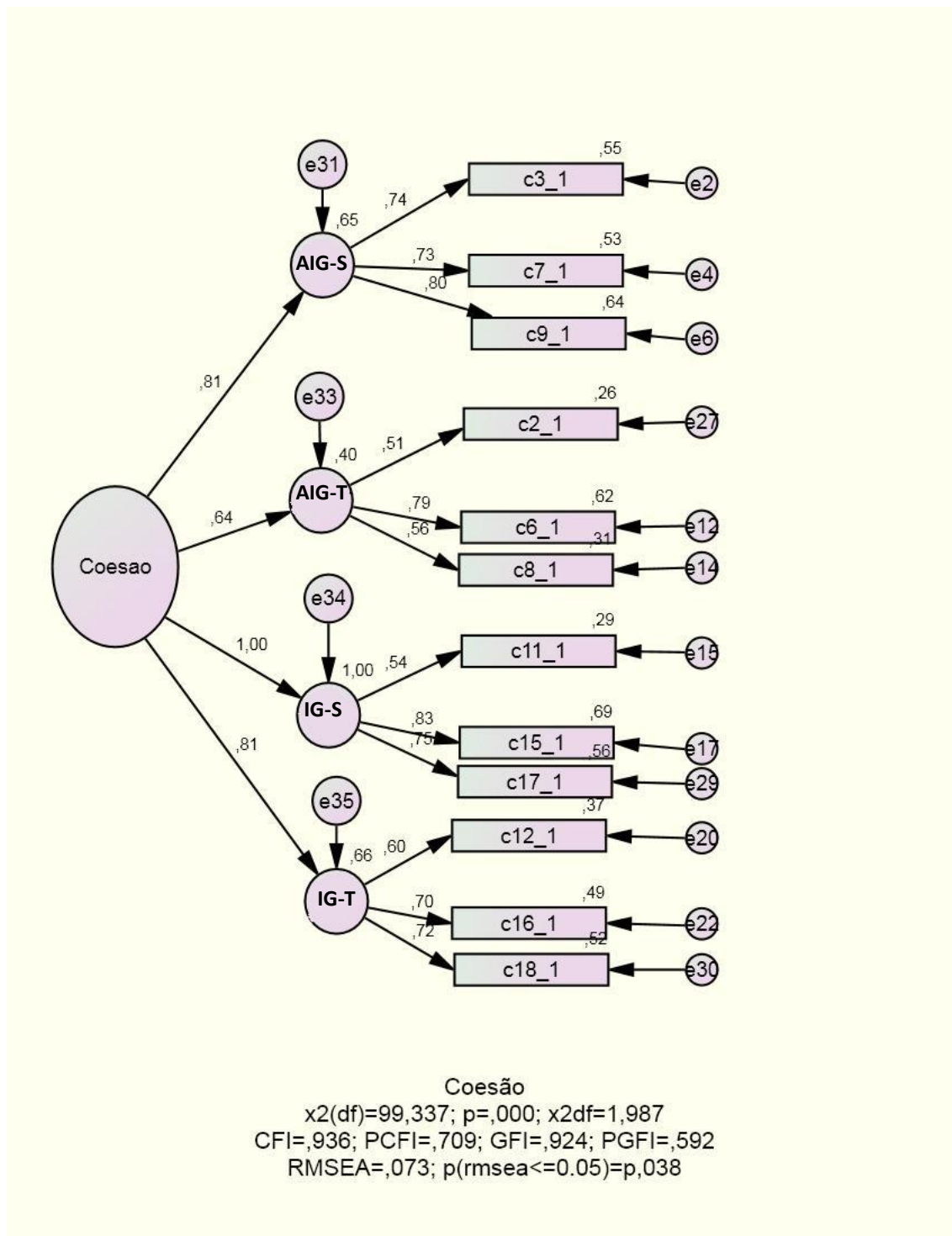
Por sua vez, a validade convergente foi avaliada através da variância extraída média (VEM) e valores superiores a .50 são considerados indicativos de boa validade convergente (Fornell e Larcker, 1981; Hair et al., 2005). A validade discriminante é aceite quando o valor de VEM para cada constructo é maior do que o quadrado das correlações múltiplas entre esse constructo e um outro qualquer (Fornell e Larcker, 1981). Por fim, no sentido de se testar a invariância da estrutura factorial, pelo estudo da sua estabilidade em amostras diferenciadas, utilizou-se uma análise multigrupos (Byrne, 2004) sobre dois grupos amostrais independentes.

Todos os testes estatísticos foram realizados para um nível de probabilidade de .05.

O ajustamento do modelo inicial, com todos os itens referenciados no questionário inicial não apresentou valores de ajustamento global adequados, nomeadamente, alguns itens não cumpriram o critério mínimo de fiabilidade individual proposto por Hair et al., 2005 e foram eliminados do modelo. O modelo sem esses itens apresentou valores de ajustamento global considerados ajustados uma vez que os

resultados foram: $\chi^2_{(50)}=99.3$; $p < .000$; $\chi^2/df = 1.9$; CFI= .9, GFI= .9, PCFI= .7, PGFI= .6, RMSEA= .07 (Figura 1). Todos os itens do modelo tiveram valores de fiabilidade individual que variaram entre .51 e .83. Estes resultados indicam que cada item saturava significativamente no seu factor. Praticamente todos os factores mostraram bons níveis de fiabilidade compósita, variando, esta, entre .65 (AIG-T) e .80 (AIG-S). A Atracção Individual para o Grupo em relação à Tarefa foi a única dimensão a registar valores de fiabilidade compósita inferior a .70.

Figura 1 - Modelo de medida para o QAG



Na tabela 2, são apresentados os itens com a numeração das questões do questionário original, de cada dimensão que resultaram da análise factorial confirmatória, bem como os respectivos valores de saturações factoriais, a fiabilidade

compósita e a variância extraída média das quatro dimensões estudadas. Foram eliminados os itens 1 e 5 para a variável AIG-S, o item 4 para a AIG-T, o item 13 para a IG-S, e os itens 10 e 14 para a IG-T.

Tabela 2 - *Análise factorial do QAG*

Dimensões	Saturações Factoriais	Fiabilidade Compósita	VEM
Atracção Individual para o Grupo em relação aos aspectos Sociais		.80	.57
3- Vou sentir falta dos membros desta equipa quando a época acabar.	.74		
7- Gosto mais dos convívios realizados pela minha equipa do que de outros convívios.	.73		
9- Para mim, esta equipa é dos grupos sociais mais importantes a que pertença.	.80		
Atracção Individual para o Grupo em relação à Tarefa		.65	.40
2- Estou satisfeito com a quantidade de tempo que tenho jogado.	.51		
6- Esta equipa oferece-me oportunidades suficientes para melhorar a minha prestação	.79		
8- Gosto do estilo de jogar desta equipa.	.56		
Integração no Grupo em relação aos aspectos Sociais		.75	.51
11- Os membros da nossa equipa preferem sair junto a saírem sozinhos.	.54		
15- Os membros da nossa equipa gostariam de passar tempo juntos fora da época competitiva	.83		
17- Os membros da nossa equipa mantêm-se juntos fora dos treinos e das competições	.75		
Integração no Grupo em relação à Tarefa		.72	.46
12- Todos nós assumimos a responsabilidade por qualquer mau resultado ou mau rendimento da nossa equipa.	.60		
16- Se alguns membros da nossa equipa têm problemas no treino, todos querem ajudar a resolver a situação para nos mantermos unidos.	.70		
18- Os membros da nossa equipa comunicam livremente sobre as responsabilidades de cada atleta na competição e no treino.	.72		

De acordo com Hair et al. (2005), e apesar do ajustamento global, os valores da variância média extraída estão abaixo do critério de referência quer para a dimensão Atração Individual para o Grupo-Tarefa e para a Integração do Grupo-Tarefa.

Tabela 3 - *Resultados da validade discriminante para as quatro dimensões*

	VEM	AIG-S	AIG-T	IG-S	IG-T
VEM	.57	.40	.51	.46	
AIG-S	.57	1			
AIG-T	.40	.46	1		
IG-S	.51	.64	.36	1	
IG-T	.46	.35	.26	.71	1

Os valores da validade discriminante são apresentados na tabela 3. Os resultados indicam valores insuficientes de validade discriminante nas dimensões AIG-S com AIG-T e IG-S, e IG-S com IG-T o que demonstra que a validade discriminante não é a mais adequada nessas dimensões e aconselha novos estudos sobre as qualidades psicométricas da escala.

Estudo 2: Comparações entre variáveis individuais género, nível etário, nível de ensino e anos de prática da modalidade com a coesão

No sentido de estudar a validade preditiva da escala abordámos o poder discriminativo desta comparando os valores globais da coesão e das suas diversas sub-escalas em função de diversas variáveis independentes como o género, nível etário, nível de ensino e anos de prática da modalidade.

Uma caracterização geral dos valores da coesão por dimensão e total é apresentada na tabela abaixo (tabela 5).

Tabela 4 - *Análise descritiva das dimensões do QAG e da coesão*

Dimensões	Média	Desvio-Padrão	Mínimo	Máximo
AIG-S	6.28	1.38	1.45	8.18
AIG-T	6.04	1.04	2.40	7.37
IG-S	5.12	0.95	1.53	6.63
IG-T	5.14	1.00	2.26	6.58
Coesão	4.80	0.93	1.43	6.19

Observando a tabela 4 conclui-se que a média dos valores de coesão é de $4.80 \pm .93$, tendo a Atracção Individual para o Grupo em relação aos aspectos Sociais (AIG-S) a média mais elevada 6.28 ± 1.38 e o item Integração no Grupo em relação aos aspectos Sociais (IG-S) o valor médio mais baixo $5.12 \pm .95$. Atendendo ao objectivo do estudo as médias destas dimensões foram comparadas em função do conjunto das variáveis demográficas referenciadas.

Deste modo, foi realizada a comparação entre a variável género e a coesão global, e entre cada uma das dimensões (a integração do grupo em relação aos aspectos sociais, a integração do grupo em relação à tarefa, a atracção individual para o grupo em relação aos aspectos sociais e a atracção individual para grupo em relação à tarefa). Foram confirmados os pressupostos de normalidade e homogeneidade de variâncias ($p > .05$). A realização da ANOVA permitiu constatar que existem diferenças significativas entre o género e os vários grupos para $p < .05$ (Coesão $F(1,184)=24.09$; $p = .00$; AGT $F(1,184)=17.41$; $p = .00$; AGS $F(1,184)=24.08$; $p = .00$; AIG_T $F(1,184)=10.20$; $p = .00$; AIGS $F(1,184)=31.53$; $p = .00$). Em média, os atletas do sexo masculino percebem os seus grupos como sendo mais coesos em relação às atletas femininas (4.9 para o sexo masculino contra 3.6 do sexo feminino, para a Coesão global).

Numa análise idêntica à anterior, relacionou-se o nível etário da amostra, que se dividiu em duas partes, escalões de formação (<18 anos de idade) e seniores (>18 anos de idade), com a coesão e as suas subescalas.

Foi verificada a existência de normalidade e de homogeneidade da variância do nível etário para todas as variáveis. Após a ANOVA constatou-se que existem

diferenças significativas entre o nível etário e as variáveis dependentes com $p < .05$ (Coesão $F(1,175)=25.56$; $p = .00$; AGT $F(1,175)=18.77$; $p = .00$; AGS $F(1,175)=25.55$; $p = .00$; AIG_T $F(1,175)=16.21$; $p = .00$; AIGS $F(1,175)=21.51$; $p = .00$). Em média os atletas de formação estão inseridos em grupos mais coesos em relação aos atletas seniores (4.9 para escalão de formação contra 3.6 do escalão sénior, para a Coesão global).

Efectuou-se, também, uma comparação em função do nível de ensino dos participantes, que foi dividido em dois grupos, nível básico (até ao 9ºano) e secundário ou superior ($> 10^\circ$) com as variáveis dependentes. Quando comparado o nível ensino com as restantes variáveis, verificou-se a existência de normalidade e de homogeneidade das variâncias. Na realização da ANOVA constatou-se que não existem diferenças significativas entre a escolaridade e as variáveis da coesão, exceptuando a variável Atracção individual para o grupo em relação aos aspectos Sociais (Coesão $F(1,169)=3.20$; $p = .08$; AGT $F(1,169)= .77$; $p = .38$; AGS $F(1,169)=3.19$; $p = .08$; AIG_T $F(1,169)=3.59$; $p = .06$; AIGS $F(1,169)=4.66$; $p = .03$).

Para finalizar realizou-se uma análise relacionando os anos de prática da modalidade com a coesão e as suas subescalas, tendo-se dividido os anos de prática em dois grupos, até aos 9 anos de prática e acima de 9 anos de prática. Na falta de homogeneidade das variâncias utilizou-se o teste de Welch que permitiu verificar que existem diferenças significativas. A ANOVA permitiu apurar que existem diferenças significativas entre os anos de prática e as variáveis dependentes (Coesão $F(1,172)=12.50$; $p = .00$; AGT $F(1,172)=4.96$; $p = .03$; AGS $F(1,172)=12.50$; $p = .00$; AIG_T $F(1,172)=5.54$; $p = .02$; AIGS $F(1,172)=21.48$; $p = .00$). Em média, os valores mais elevados de coesão estão relacionados com os atletas com menos anos de prática, até 9 anos.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O objectivo central do primeiro estudo foi determinar a validade da aplicação do Questionário de Ambiente de Grupo (QAG), como medida para avaliar a coesão de grupo em equipas de futebol, no contexto competitivo em Portugal. Neste sentido, foram utilizados dados de um conjunto de atletas de futebol.

A utilização da análise factorial confirmatória (AFC) tem sido uma aposta muito frequente nos últimos anos, contribuindo assim para o desenvolvimento e validação de teorias e instrumentos associados. Procurámos, portanto, com este estudo, examinar a validade do Questionário de Ambiente de Grupo na versão portuguesa através desta metodologia estatística.

Nos dados analisados no presente estudo, constatou-se que uma solução de 12 itens, 3 para cada um dos 4 factores, apresentava valores globais adequados de validade apesar de algumas dificuldades nos aspectos da validade convergente e discriminante entre algumas das dimensões da escala. Para a adaptação do modelo, seleccionou-se os três itens com maior saturação factorial em cada dimensão. Os resultados indicam valores pobres de validade discriminante nas dimensões AIG-T e IG-T, uma vez que estes apresentam variância extraída média (VEM) inferior a .50. Também o facto de os valores de VEM para as quatro dimensões não ser sempre superior ao quadrado das correlações múltiplas entre as dimensões, demonstra que a validade discriminante não é a mais adequada.

Os valores da fiabilidade foram também adequados pelo que considerámos que a escala mede adequadamente a coesão das equipas de futebol. A falta de ajustamento local aconselha, no entanto, novos estudos, que permitam aumentar quer a validade convergente quer discriminante de algumas das dimensões. Os valores de fiabilidade individual registados para os itens do modelo, indicam que cada item saturava significativamente no seu factor. Praticamente todos os factores mostraram bons níveis de fiabilidade compósita, apresentando todos valores iguais ou superiores a .70, sendo a Atracção Individual para o Grupo em relação à Tarefa a única dimensão a registar valores de fiabilidade compósita inferior a .70.

Os resultados obtidos são semelhantes aos dos estudos de Borrego (2010) e Júnior (2011). Consideramos, portanto, que globalmente a escala é válida.

Considerando os resultados do estudo 2, com base nos valores globais da coesão, e em cada uma das sub-escalas, foi realizada a comparação em função do género. Não existe nenhuma base teórica ou empírica para a previsão de que as equipas do sexo feminino ou masculino tenham diferentes níveis de desempenho com sucesso, associados à coesão. De fato, num dos poucos estudos em que se realizou uma comparação entre géneros, Widmeyer e Martens (1978) não encontraram diferenças significativas. No entanto, o género tem-se mostrado uma variável moderadora na dinâmica de grupos, em pesquisas referentes à liderança (Eagly e Johnson, 1990), à produtividade (Wood, 1987), e à orientação para a competição versus cooperação (Duda, 1987).

Widmeyer et al., (1985) descobriram, um pouco contra as expectativas, que em equipas masculinas, os membros apresentavam maior coesão social quando comparados com membros de equipas femininas. No entanto, Williams e Widmeyer (1991) referem que as mulheres são mais influenciadas para permanecerem numa equipa pela amizade, do que pelo cumprimento da tarefa, facto que justificaria a maior coesão social em equipas femininas do que em equipas masculinas.

Mais recentemente, Carron et al., (2002), na realização de uma meta-análise, verificaram a existência de uma elevada relação entre coesão e desempenho nas atletas de equipas femininas e apenas uma relação moderada de coesão-desempenho presente para atletas do sexo masculino sendo a diferença estatisticamente significativa.

No nosso estudo, em média, os atletas do sexo masculino percebem os seus grupos como sendo mais coesos em relação às atletas femininas (4.9 para o sexo masculino contra 3.6 do sexo feminino na para a Coesão global), resultados que vão de encontro ao estudo realizado por Widmeyer et al., (1985) mas diferentes dos resultados da investigação de Carron et al., (2002). Estes resultados mantêm, portanto, a incerteza acerca das relações entre género e coesão. A necessidade de aprofundar esta relação, considerando, nomeadamente, a moderação e mediação de outras variáveis, como o tipo de tarefa e o tipo de grupo social parece-nos fundamental dada a sua importância e a escassez de estudos.

Numa análise idêntica à anterior, relacionou-se o nível etário com a coesão e as suas subescalas. O intervalo desta análise foi escolhido tendo em conta dois factores. 1) a passagem do escalão de júnior, para o sénior que ocorre normalmente neste período e

2) o nível de maturidade dos atletas, tendo em conta que legalmente um indivíduo é considerado como um adulto responsável pelas suas acções após fazer 18 anos de idade.

Hersey e Blanchard (1986) definiram a maturidade como a capacidade dos indivíduos em comandarem seu próprio comportamento, assumindo a responsabilidade do mesmo.

Os efeitos da coesão e da maturidade sobre o desempenho nos jogos de empresa, foram avaliados mais recentemente por Lewinski (2011). Os resultados confirmaram a hipótese prévia que afirmava existir uma relação positiva entre nível de coesão e maturidade das equipas em função da sua eficácia no desempenho empresarial. Os resultados deste estudo são coerentes com os descritos por Wolfe e Box (1987).

Katzenbach e Smith (2001) evidenciaram uma relação positiva entre o nível de coesão e a maturidade das equipas, ou seja, quanto maior o nível de coesão e de maturidade, maiores as possibilidades de alcançar um desempenho elevado. As equipas que possuem menor coesão e maturidade intermediária, demonstraram ter menor possibilidade de alto desempenho.

Robbins (2002) afirmou que diversos factores estruturais têm relação com o desempenho do grupo, entre eles, a percepção de papel, as normas, as injustiças de status, o tamanho do grupo, o perfil demográfico, a tarefa e a coesão. Este estudo demonstrou que a coesão e a maturidade de equipas são factores que podem interferir no seu desempenho.

Na análise realizada neste estudo, em média, os atletas de formação estão inseridos em grupos percebidos como mais coesos em relação aos atletas seniores (4.9 para escalão de formação contra 3.6 do escalão sénior, para a Coesão Global). Uma justificação plausível é o elevado nível de competição entre os atletas inseridos num plantel sénior, além de ser comum, na nossa cultura futebolística, a entrada e a saída de vários atletas em todas as épocas desportivas, razão esta, que pode diminuir a coesão entre os elementos da mesma, pelo menos no início da época, quando foi administrado este questionário

Efectuou-se, também, uma comparação em função do nível de ensino dos participantes, que foi dividido em dois grupos, nível básico (até ao 9ºano) e secundário ou superior (> 10º). Não foram encontrados estudos que tivessem relacionado o nível de ensino dos atletas e a coesão, embora se tenha colocado a hipótese inicial de que, quanto

maior o nível de ensino, menor seria o nível de coesão. Na realização da ANOVA constatou-se que não existem diferenças significativas entre a escolaridade e as variáveis da coesão, exceptuando a variável atracção individual para o grupo em relação aos aspectos sociais $p < .05$.

Para finalizar realizou-se uma análise relacionando os anos de prática da modalidade com a coesão e as suas subescalas, tendo-se dividido os anos de prática em dois grupos, até aos 9 anos de prática e acima de 9 anos de prática. Este intervalo foi preferido por duas razões: uma foi pelos anos de prática estarem associados ao nível de profissionalização dos atletas, quando mais anos de prática, maior será a possibilidade de ser um atleta profissional e vice-versa e, a segunda razão, prende-se com o facto de regularmente um atleta sénior ter formação nos escalões jovens, não passando directamente para o escalão sénior. Excluindo o escalão de escolinhas, pois é considerado como recreação/formação, não tendo carácter competitivo, o mínimo de anos passados na formação é de 8 anos, desde o escalão de infantis ao escalão de juniores, ou seja, com 9 anos de prática competitiva, o atleta deverá estar no escalão sénior do clube.

Na meta-análise de Carron et al., (2002) foi estudada a experiência dos praticantes, tendo-se concluído que o nível de experiência do competidor não era um moderador na relação coesão-desempenho.

No nosso estudo, em média, os valores mais elevados de coesão estão relacionados com os atletas com menos anos de prática, até 9 anos. Estes resultados podem ser explicados, pelo facto dos atletas com menos de 9 anos de prática estarem, nos escalões de formação, logo é bastante provável que mantenham relações sociais com os outros membros do grupo fora do clube, como, por exemplo, na escola, local onde passam a grande parte do seu dia.

Os resultados destas comparações permitem concluir, que a escala possui poder discriminativo e que as diferenças entre os diversos sub-grupos apontam para variações na coesão, exigindo assim a necessidade de definir normas para cada um dos sub-grupos. Na realidade a definição de perfis psicológicos incluídos na coesão, devem distinguir-se nestas variáveis.

Embora existam diferentes resultados da validade do Questionário de Ambiente de Grupo, quer a nível nacional quer internacional, globalmente, os resultados obtidos permitiram comprovar as expectativas das boas qualidades psicométricas do QAG podendo mesmo afirmar-se que é globalmente adequado ao modelo original proposto por Carron et al. (1985). O modelo conceptual de Carron et al. (1985) continua a ser a abordagem mais aceite, para avaliar a temática da dinâmica de grupo no contexto desportivo. De modo a deixar o nosso contributo, gostaríamos de salientar a importância de se realizarem estudos complementares, como, por exemplo, verificar em que medida a adequação do modelo, traduzida pelos valores encontrados no nosso estudo se mantém, com sujeitos de práticas desportivas distintas (e.g., modalidades individuais, e outras modalidades colectivas), de contextos diferenciados (e.g. exercício, recreação), e, ainda, com características diferentes (e.g. escalões etários, género, meio-social). Igualmente, surge também a carência de, em trabalhos futuros, se examinar as qualidades métricas do instrumento, na versão portuguesa, ao longo de uma época desportiva (e.g. várias equipas desportivas ao longo de uma época desportiva), para se verificar a evolução ou não, da coesão neste grupo distinto.

Outra situação, é a delimitação contextual, isto é, os resultados encontrados devem ser enquadrados no tempo, espaço e contexto em que foi realizado. De modo a garantir uma melhor veracidade de resposta ao questionário, sugere-se que os questionários sejam realizados numa sala com espaçamento entre cadeiras e em silêncio, sempre supervisionados apenas pelo investigador.

Em termos de recomendações gerais, sugerimos que futuras investigações continuem a examinar a validade do Questionário de Ambiente de Grupo de acordo com as recomendações de Cota et al., (1995) e Carron e Brawley (2000). Julgamos que a validação de questionários é um processo contínuo, existindo imensas variáveis mediadoras que devem ser exploradas, nomeadamente factores como o idioma e questões culturais.

ANEXOS

Questionário do Ambiente no Grupo Original (aplicado)

QUESTIONÁRIO DO AMBIENTE NO GRUPO (QAG_P)

A. CARRON; L. BRAWLEY; W. WIDMEYER

Adaptação de Sidónio Serpa & António Rosado (FMH - Laboratório de Psicologia do Desporto e do Exercício)

Este questionário foi concebido para avaliar as suas opiniões em relação à sua equipa. Algumas das questões podem parecer repetitivas, mas por favor responda a TODAS. A sinceridade das suas respostas é muito importante para nós. Não existem respostas certas ou erradas. As suas respostas são confidenciais.

As questões seguintes pretendem avaliar os seus sentimentos sobre o seu ENVOLVIMENTO PESSOAL com a sua equipa. Coloque uma cruz (X) sobre um número de 1 a 9 para indicar o seu nível de concordância com cada uma das afirmações que se seguem.

	Discordo absolutamente				Concordo absolutamente				
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Gosto de participar nas actividades sociais desta equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
2. Estou satisfeito com a quantidade de tempo que tenho jogado.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
3. Vou sentir falta dos membros desta equipa quando a época acabar.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
4. Estou contente com o nível de desejo de vencer da minha equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
5. Alguns dos meus melhores amigos estão nesta equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
6. Esta equipa oferece-me oportunidades suficientes para melhorar a minha prestação.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
7. Gosto mais dos convívios realizados pela minha equipa do que de outros convívios..	1	2	3	4	5	6	7	8	9
8. Gosto do estilo de jogar desta equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
9. Para mim, esta equipa é dos grupos sociais mais importantes a que pertença.	1	2	3	4	5	6	7	8	9

As questões seguintes pretendem avaliar as suas opiniões em relação À SUA EQUIPA COMO UM TODO. Coloque uma cruz (X) à volta de um número de 1 a 9 para indicar o seu nível de concordância com cada uma das afirmações que se seguem.

	<u>Discordo</u> absolutamente					<u>Concordo</u> absolutamente				
10. A nossa equipa é unida na tentativa de atingir os seus objectivos desportivos.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
11. Os membros da nossa equipa preferem sair junto a sairem sozinhos.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
12. Todos nós assumimos a responsabilidade por qualquer mau resultado ou mau rendimento da nossa equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
13. Os membros da nossa equipa vão, frequentemente, divertir-se juntos.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
14. Os membros da nossa equipa têm aspirações comuns em relação ao rendimento da equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
15. Os membros da nossa equipa gostariam de passar tempo juntos fora da época competitiva.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
16. Se alguns membros da nossa equipa têm problemas no treino, todos querem ajudar a resolver a situação para nos mantermos unidos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
17. Os membros da nossa equipa mantêm-se juntos fora dos treinos e das competições.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
18. Os membros da nossa equipa comunicam livremente sobre as responsabilidades de cada atleta na competição e no treino.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	

OBRIGADO

Questionário do Ambiente no Grupo Adaptado (derivado dos resultados obtidos)

QUESTIONÁRIO DO AMBIENTE NO GRUPO (QAG_P)

A. CARRON; L. BRAWLEY; W. WIDMEYER

Adaptação de António Rosado & Dário Neto (FMH)

Este questionário foi concebido para avaliar as suas opiniões em relação à sua equipa. Algumas das questões podem parecer repetitivas, mas por favor responda a TODAS. A sinceridade das suas respostas é muito importante para nós. Não existem respostas certas ou erradas. As suas respostas são confidenciais.

As questões seguintes pretendem avaliar os seus sentimentos sobre o seu ENVOLVIMENTO PESSOAL com a sua equipa. Coloque uma cruz (X) sobre um número de 1 a 9 para indicar o seu nível de concordância com cada uma das afirmações que se seguem.

	<u>Discordo</u> absolutamente					<u>Concordo</u> absolutamente				
1. Estou satisfeito com a quantidade de tempo que tenho jogado.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
2. Vou sentir falta dos membros desta equipa quando a época acabar.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
3. Esta equipa oferece-me oportunidades suficientes para melhorar a minha prestação.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
4. Gosto mais dos convívios realizados pela minha equipa do que de outros convívios.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
5. Gosto do estilo de jogar desta equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
6. Para mim, esta equipa é dos grupos sociais mais importantes a que pertença.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	

As questões seguintes pretendem avaliar as suas opiniões em relação À SUA EQUIPA COMO UM TODO. Coloque uma cruz (X) à volta de um número de 1 a 9 para indicar o seu nível de concordância com cada uma das afirmações que se seguem.

	<u>Discordo</u> absolutamente					<u>Concordo</u> absolutamente				
7. Os membros da nossa equipa preferem sair junto a saírem sozinhos.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
8. Todos nós assumimos a responsabilidade por qualquer mau resultado ou mau rendimento da nossa equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
9. Os membros da nossa equipa gostariam de passar tempo juntos fora da época competitiva.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
10. Se alguns membros da nossa equipa têm problemas no treino, todos querem ajudar a resolver a situação para nos mantermos unidos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
11. Os membros da nossa equipa mantêm-se juntos fora dos treinos e das competições.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	
12. Os membros da nossa equipa comunicam livremente sobre as responsabilidades de cada atleta na competição e no treino.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	

OBRIGADO

REFERÊNCIAS

- Adams, S. (1953). Status congruency as a variable in small group performance. *Social Forces*, 32, 16-22.
- Almeida, L., & Freire, T. (2003). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Arnold, G., & Straub, W. (1973). Personality and group cohesiveness as determinants of success among interscholastic basketball teams. In I. Williams & L. Wankel (Eds.), *Proceedings of the Fourth Canadian Psycho-Motor Learning and Sport Psychology Symposium* (pp. 346-353). Ottawa: Dept. of National Health and Welfare.
- Beauchamp, M. R., Bray, S. R., Eys, M. A., & Carron, A. V. (2002). Role ambiguity, role efficacy and role performance: Multidimensional and meditational relationships within interdependent sport teams. *Group Dynamics: Theory, Research and Practice*, 6(3), 229-242.
- Blanchard, C., Poon, P., Rodgers, W., & Pinel, B. (2000). Group Environment Questionnaire and its Applicability in an Exercise Setting. *Small Group Research*, 31(4), 210-224.
- Borrego, C., Leitão, J., Silva, C., Alves, J., & Palmi, J. (2010). Análise Factorial Confirmatória do Group Environment Questionnaire com atletas portugueses. *Avaliação Psicológica*, 9(3), 359-369.
- Byrne, B. M. (2004). *Structural equation modelling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Carron, A. (1982). Cohesiveness in sport groups: Interpretations and considerations. *Journal of Sport Psychologist*, 4, 123-138.
- Carron, A. (1993). The sport team as an effective group. In W. J.M. (Ed.), *Applied Sport Psychology* (pp. 110-121): Mayfield Publishing Company.
- Carron, A., & Chelladurai, P. (1981). Cohesion as a factor in sport performance. *International Review of Sport Sociology*, 16, 21-41.
- Carron, A., Colman, M. M., Wheeler, J., & Stevens, D. (2002). Cohesion and Performance in Sport: A Meta Analysis. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 24(1), 168-188.

- Carron, A., & Hausenblas, H. (1998). *Group Dynamics in Sport* (2 ed.). Morgantown, WV: Fitness Information Technology Inc.
- Carron, A., & Spink, K. S. (1995). The group size-cohesion relationship in minimal groups. *Small Group Research*, 26, 86-105.
- Carron, A., Widmeyer, W., & Brawley, L. (1985). The Development of Instrument to Assess Cohesion in Sport Teams: the group environment questionnaire. *Journal of Sport Psychology*, 7, 244-267.
- Carron, A. V. (1980). *Social psychology of sport*. Ithaca, NY: Movement.
- Carron, A. V., & Brawley, L. R. (2000). Cohesion: Conceptual and Measurement Issues. *Small Group Research*, 31, 89 - 106.
- Carron, A. V., Widmeyer, W. N., & Brawley, L. R. (1998). The measurement of cohesiveness in sport groups. In L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement*. Morgantown, USA: Fitness Information Technology, Inc.
- Churchill, G. A. (1979). A paradigm for developing better measures of marketing constructs. *Journal of Marketing Research*, 16(1), 64-73.
- Cota, A. A., Evans, C. R., Dion, K. L., Kilik, L., & Longman, R. S. (1995). The Structure of Group Cohesion. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21(6), 572-580.
- Cox, R., Qiu, Y., & Liu, Z. (1993). Overview of Sport Psychology. In N. Singer, M. Murphey & L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of Research on Sport Psychology* (pp. 3-31). New York: Macmillan.
- Cruz, J. F., & Antunes, J. (1997). Adaptação e características psicométricas do “questionário de coesão desportiva” e da “escala de satisfação com a competição”. In J. F. Cruz & A. R. Gomes (Eds.), *Psicologia aplicada ao desporto e à actividade física: Teoria, investigação e intervenção* (pp. 339-348). Braga, Portugal: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Cruz, J. F., & Viana, M. F. (1993). *Questionário de Coesão em Equipas Desportivas (QCED-GEQ)*. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho. Braga, Portugal.
- Deep, S. D., Bass, B. M., & Vaughn, J. A. (1967). Some effects on business gaming of previous quasi-t group situations. *Journal of Applied Psychology*, 51, 426-431.

- Dion, K. L. (2000). Group Cohesion: From "Field of Forces" to Multidimensional Construct. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 4(1), 7-26.
- Duda, J. (1998). *Advances in Sport and Exercises Psychology Measurement: Fitness Information Technology*.
- Duda, J. L. (1987). Toward a developmental theory of children's motivation in sport. *Journal of Sport Psychology*, 9, 130-145.
- Dyce, J. A., & Cornell, J. (1996). Factorial Validity of the Group Environment Questionnaire among Musicians. *The Journal of Social Psychology*, 136(2), 263-264.
- Eagly, A. H., & Johnson, B. T. (1990). Gender and leadership style: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 108, 223-256.
- Eys MA, Carron AV, Bray SR, & LR., B. (2007). Item wording and internal consistency of a measure of cohesion: The Group Environment Questionnaire. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29, 395-402.
- Eys, M. A., Hardy, J., Carron, A. V., & Beauchamp, M. R. (2003). The relationship between task cohesion and competitive state anxiety. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 25, 66-76.
- Festinger, L., Schashter, S., & Black, K. (1950). *Social pressures in informal groups: A study of human factors in housing*. Stanford, California: Stanford University Press.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50.
- Gomes, A. R. d. S. (2005). *Liderança e Relação Treinador-Atleta em contextos desportivos*. (Douturamento em Psicologia), Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia.
- Gross, N., & Martin, W. (1951). On group cohesiveness. *American Journal of Sociology*, 57, 533-546.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2005). *Multivariate data analyses* (6 ed.). New York: Prentice Hall.
- Hanrahan, S., & Gallois, C. (1993). Social Interactions. In R. N. Singer, M. Murphey & L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of Research on Sport Psychology* (pp. 623-646).

New York: Macmillan.

- Hausenblas, H. A., & Carron, A. V. (1996). Group cohesion and self-handicapping in female and male athletes. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 18, 132-143.
- Hersey, P., & Blanchard, K. H. (1986). *Psicologia para administradores: a teoria e as técnicas da liderança situacional*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Hogg, M. A. (1992). *The social psychology of group cohesiveness: From attraction to social identity*. New York: Harvester Wheatsheaf.
- Indik, B. (1965). Organization size and member participation: some experimental tests of alternative explanations. *Human Relations*, 18, 339-350.
- Junior, J. N. (2011). *Coesão e liderança em atletas de futsal de rendimento*. (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Maringá.
- Katzenbach, J. R., & Smith, D. K. (2001). *Equipes de Alta Performance: conceitos, princípios e técnicas para potencializar o desempenho das equipes*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Kline, R. B. (1998). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press.
- Leeson, H., & Fletcher, R. B. (2005). Longitudinal Stability of the Group Environment Questionnaire With Elite Female Athletes. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 9(3), 147-160.
- Leitão, J. C. G. (1999). *Relação Treinador - Atleta: Percepção dos comportamentos de liderança e de coesão em equipas de futebol*. Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Lewin, K. (1935). *A dynamic theory of personality*. New York: McGraw-Hill.
- Lewinski, S. M. (2011). *O Desempenho de equipes em jogos empresariais: Um estudo sobre a coesão e maturidade de equipes*. (Mestrado em Engenharia de Produção), Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
- Li, F., & Harmer, P. (1996). Confirmatory Factor Analysis of the Group Environment Questionnaire With an Intercollegiate Sample. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 18(1), 49-63.
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.

- Martens, R., Landers, D. M., & Loy, J. W. (1972). *Sport cohesiveness questionnaire*. Washington, DC: AAHPERD Publications.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações. [Structural equation modeling: Theoretical foundations, software and applications]*. Pêro Pinheiro, Portugal: Report Number.
- Mendes, C. (1993). *Tradução e adaptação à população Portuguesa do Questionário de Ambiente de grupo*. Instituto Superior de psicologia Aplicada. Lisboa.
- Mikalachki, A. (1969). *Group cohesion revisited*. London, ON: School of Business Administration, University of Western Ontario.
- Mullen, B., & Copper, C. (1994). The relation between group cohesiveness and performance: An integration. *Psychological Bulletin*, 115, 210-227.
- Rioux, G., & Chappuis, R. (1979). *Cohesión del equipo*. Paris: Minón.
- Robbins, S. P. (2002). *Comportamento Organizacional* (9 ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Schachter, S. (1951). Deviation, rejection and communication. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 46, 190-208.
- Schutz, R. W., Eom, H. J., Smoll, F. L., & Smith, R. E. (1994). Examination of the factorial validity of the Group Environment Questionnaire. *Research Quest for Exercise and Sport*, 65(3), 226-236.
- Seashore, S. E. (1954). *Group cohesiveness in the industrial work group*. Ann Arbor, Michigan: Survey Research Group.
- Sullivan, P. J., Short, S. E., & Cramer, K. M. (2002). Confirmatory factor analysis of the group environment questionnaire with co-acting sports. *Perceptual and Motor Skills*, 94(1), 341-347.
- Van Bergen, A., & Koekebakker, J. (1959). Group Cohesiveness in laboratory experiments. *Acta Psychologica*, 16, 81-98.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (1996). *Fundamentos de psicología del deporte y el ejercicio físico*. Barcelona: Ariel Psicología.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do exercício* (2 ed.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Widmeyer, W. N., Brawley, L. R., & Carron, A. V. (1985). *The measurement of cohesion in sport teams: The Group Environment Questionnaire*. London, ON: Sports Dynamics.

- Widmeyer, W. N., Brawley, L. R., & Carron, A. V. (1990). The effects of group size in sport. *Journal Sport & Exercise Psychology, 12*, 177-190.
- Widmeyer, W. N., Carron, A., & Brawley, L. (1993). Group cohesion in sport and exercise. In R. N. Singer, M. Murphey & L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of Reserach on Sport Psychology* (pp. 672-692). New York: Macmillan.
- Widmeyer, W. N., & Martens, R. (1978). When cohesion predicts performance outcome in sport. *Research Quarterly, 49*, 372-380.
- Williams, J. M., & Widmeyer, W. N. (1991). The cohesion-performance outcome relationship in a coacting sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology, 13*, 364-371.
- Wolfe, J., & Box, T. M. (1987). Team cohesion effects on business game performance. *Developments in Business Simulation & Experiential Exercises, 14*.
- Wood, W. (1987). Meta-analytic review of sex differences in group performance. *Psychological Bulletin, 102*, 53-71.